



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

CYNTHIA DE LIMA FALCÃO

**AS MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM ESTUDO DOS CONTOS
MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS, ISALTINA CAMPO BELO E
LIA GABRIEL**

João Pessoa – Paraíba

2019

F178m Falcao, Cynthia de Lima.

As Mulheres de Conceição Evaristo: Um Estudo dos
Contos

Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina
Campo

Belo e Lia Gabriel / Cynthia de Lima Falcao. - João
Pessoa, 2019.

34 f.

Orientação: Wilma Martins de Mendonça.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. protagonismo feminino. 2. Mulher. 3. Mulher
negra.

I. Mendonça, Wilma Martins de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CYNTHIA DE LIMA FALCÃO

**AS MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM ESTUDO DOS CONTOS
MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS, ISALTINA CAMPO BELO E
LIA GABRIEL**

João Pessoa – Paraíba

2019

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciado em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça

CYNTHIA DE LIMA FALCÃO

**AS MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UM ESTUDO DOS CONTOS
MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS, ISALTINA CAMPO BELO E
LIA GABRIEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal
da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em Letras.

Aprovado em

____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Wilma Martins de Mendonça (UFPB)

Orientadora

Profª. Dra. Alyere Silva Farias (UFPB)
Examinador

Prof. Dr. Thiago Fernandes soares Ribeiro (SEEC-PB)
Examinador

Aos meus pais, Glícia Falcão e Vital Falcão, razão de minha existência, aos quais sou grata por todo o apoio e incentivo em todas as conquistas de minha vida. Aos meus irmãos, pela colaboração e incentivo. A minha avó Perpétua, por me despertar o interesse pelas Letras através de sua paixão pela docência e a Herickson Lucena, meu amado, com quem também pude contar com seu apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por todas as conquistas que me permitiu até hoje em minha caminhada. À minha família, com quem sempre posso contar em todos os momentos de minha vida, a Herickson Lucena por todo o incentivo. À minha orientadora, Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça, por sua dedicação e atenção não apenas nesse momento de conclusão, mas durante todo o curso. Aos meus amigos de curso que sempre compartilharam de seus conhecimentos com todos fazendo da nossa caminhada discente um momento de conhecimento de aprendizagem para além das Letras os meus sinceros agradecimentos, por toda a sua paciência e dedicação a mim prestada. Por fim, agradeço à Universidade Federal da Paraíba que, ao longo destes cinco anos me permitiu adentrar ao universo das letras.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(Conceição Evaristo)

Resumo

Estudo da relevância e do protagonismo da personagem negra feminina na literatura brasileira, da atualidade, através da leitura dos contos, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, “Isaltina Campo Belo” e “Lia Gabriel” que, entre outros da mesma temática e modelo formal, a vida de mulheres negras contadas por meio do artifício ficcional da entrevista, compõem a obra, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado em 2011 e republicado, em segunda edição, em 2016. Nesse estudo, procuramos, observar as maneiras e os modos com os quais a autora focaliza suas personagens, além de ressaltar as inovações que ela acrescenta ao gênero do conto, forma narrativa antiga e conhecida por sua brevidade.

Palavras- chave: protagonismo feminino, mulher, mulher negra

Sumário

1. A Introdução.....	11
2. A importância do olhar.....	13
3. As mulheres de Conceição Evaristo.....	20
4. Considerações finais.....	32
5. Referências.....	33

1. A Introdução

Ser negra,
De verso e reverso,
De choro e de riso,
Ser negra.
Negra!
Nos traços,
Nos passos,
Na sensível sensibilidade.

Geni Mariano Guimarães

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), **As mulheres de Conceição Evaristo: Um estudo dos contos Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo E Lia Gabriel** tem por finalidade estudar as representações literárias de suas personagens negras e femininas, assentadas num protagonismo escritural, traço que caracteriza a obra de Conceição Evaristo. Para tanto, procederemos a leitura de suas narrativas, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, “Isaltina Campo Belo” e “Lia Gabriel” que, entre outras, integram o livro de contos da autora, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado, inicialmente, em 2011.

Representada, em caráter inaugural, por olhares e vozes eurocêntricas, de um *lugar de fora*, portanto, a exemplo dos escritos de Gregório de Matos, a mulher negra só seria focalizada, através de um *olhar de dentro*, a partir do Romantismo, com a publicação do romance *Úrsula* (1859) e do conto *A escrava* (1887), ambos da escritora negra nordestina, Maria Firmina dos Reis (1825-1917).

Nas demais produções românticas, assim como nas escrituras das diversas modalidades literárias que se seguem ao romantismo, à exceção do visor de Castro Alves, em cujos textos os negros, em geral, são revestidos de dignidade literária, num confronto ousado com os estereótipos, advindos do colonialismo, que se espalhavam pelas escrituras românticas, sobremaneira, nos textos dos românticos nacionalistas, como enfatiza David Brookshaw:

A figura do negro na literatura brasileira anterior a 1850, portanto anterior à abolição do tráfico de escravos, praticamente não existe [...] Na medida em que o negro apareceu afinal na literatura indianista, foi pra contrastar com o índio. Dessa forma o negro, representando a realidade da raça colonizada, labutando nas plantações do colonizador, não era páreo para o mítico índio em termos de atração literária [...] No romance de costumes rurais *Til* (1872), de Alencar, a submissão natural dos escravos negros serve para dar vazão ao espírito de independência representado pelo índio João Fera. Ele mesmo diz: “Não me torno [...] escravo de um homem, que nasceu rico, por

causa das sobras que me atirava, como atiraria a qualquer outro, ou a seu negro” Postura semelhante transmite o poema *Tabira*, de Gonçalves Dias (BROOKSCHAW, 1983, p. 26-28).

Como exemplar privilegiado do que afirma o brasilianista David Brookshaw, elencamos a obra *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães (1825-1884). Nessa obra, temos duas configurações de mulheres negras e escravas cujos perfis, contudo, se contrapõem grandemente. A primeira, Isaura, embranquecida pelo autor, constitui um verdadeiro vaso de virtudes. A segunda, Rosa, caracterizada pela sua africanidade, é um poço de luxúria e de perfídia:

É certo ter Isaura sangue negro, mas nada em sua figura o revela. Parece mesmo “uma andaluza de Cádiz”, ou “uma napolitana” como sugere o apaixonado Leôncio. Além da maravilhosa formosura, Isaura possui uma “nobre figura radiante de beleza, e de angélica serenidade” [...] Na verdade, o preconceito racial está presente na voz narrativa e nos personagens – sem excluir a própria Isaura. Ao chorar esta sua triste sina, desabafa: “era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como a mais vil das negras” [...] A virtude e a beleza, no romance, estão associadas à brancura da pele [...] A Rosa são concedidas duas características inteiramente negadas à Isaura: sensualidade e aspecto revelador de sua de sua ascendência africana [...] Com relação a Rosa, o autor pode veicular livremente suas fantasias eróticas. A voz narrativa trata-a com uma crueza não verificada ao referir-se quer a Malvina, quer a Isaura. [...] Dessa forma, no texto, Rosa (mulata na essência e na aparência) não merece o tratamento respeitoso reservado pelo narrador a Malvina e à própria Isaura- qual, embora também mulata, em tudo parece ser branca (GOMES, 1988, p.48-52).

Durante o período do realismo, notadamente o da vertente naturalista, as mulheres negras seriam traçadas pelas linhas do erotismo desenfreado, como seres guiados tão-somente pelo instinto, cientes de sua inferioridade ante o branco, como se lê em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913). A notável exceção, entre as letras realistas, caberia ao escritor Lima Barreto (1881-1922), que denuncia, num contínuo, o preconceito contra as gentes negras e pobres, em particular contra a mulher, como se afere do seu romance *Clara dos Anjos*, rascunhado em 1904 e publicado, postumamente, em 1948.

Continuadamente retomada, a figura do negro atravessa todo o nosso modernismo, se apresentando, com vitalidade, em nossas letras atuais. Dessa forma, podemos dizer, com Paulo Colina, que a figura negra “sempre foi um dos grandes temas da literatura brasileira. Sem ele, não teríamos, com certeza, a ficção que temos.” (COLINA, 1987, p. 11).

A perspectiva de Paulo Colina justifica nossa escolha temática e reforça a importância negra na construção e continuidade do fazer literário no Brasil. Nesse sentido, escolhemos as

narrativas breves de Conceição Evaristo, estruturadas no protagonismo negro feminino, com o intuito de flagrar os falares dessas mulheres, narrados, igualmente, por uma mulher negra.

Nesse objetivo, dividimos nosso trabalho em duas partes. A primeira, denominada de “A importância do olhar”, se volta basicamente para as mudanças nos modos de ver, dizer, interpretar e configurar a personagem negra, a partir da segunda metade do século XX, elegendo, como método de leitura, uma revisão bibliográfica, das obras mais importantes desse período, em especial a escrita de negros sobre o *persona* negra, em nossas letras.

A segunda parte, intitulada “As mulheres de Conceição Evaristo”, trata especificamente, da leitura do olhar da autora sobre as personagens, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel, tecidas na escrita de seus contos. Procuraremos, ainda, observar como Conceição Evaristo utiliza essa vertente narrativa para a criação de suas personagens e de seus falares.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para os estudos da literatura brasileira, para as investigações sobre as representações das personagens negras em nossa ficção e, principalmente, para os estudos das configurações da mulher negra, traçadas por uma autora negra. Por fim, esperamos que nossa leitura constitua um acréscimo às interpretações da obra de Conceição Evaristo.

2. A importância do olhar

É tudo uma questão de voz.
Quer ver, leitor?

Paulo Colina

A segunda metade do século XX, no Brasil, se caracteriza, notadamente, pela curiosidade crítica sobre o ver e o dizer das representações do universo negro e de seus personagens que frequentam, com assiduidade, as páginas de nossa ficção, seja escrita em prosa ou na forma poética.

Em 1958, o livro de Raymond Sayers, *O negro na literatura brasileira*, é publicado no Brasil, traduzido por Antônio Houaiss. Teórico e crítico literário estadunidense, Sayers reconhece a temática negra como um dos maiores vilões de nossa literatura.

Observando, com acuidade, os feitiços e os falares das personagens negras, em nossas obras, em meios aos correntes estereótipos, Sayers terminaria avultando o negro, como um dos personagens essenciais à nossa literatura. Numa articulação entre literatura e sociedade, destacaria a literatura abolicionista do século XIX, como fator importante para o fim institucional do escravismo:

O negro tem sido um importante elemento da literatura brasileira ao longo da maior parte de sua história [...] O negro é uma figura especialmente importante na literatura do século XIX [...] a literatura em todas as suas formas foi posta a serviço dos reformadores sociais, cujas corajosas denúncias contra a escravidão foram vazadas em peças de teatro, romances e poemas, que contribuíram para pôr por terra aquela instituição (SAYERS, 1958, p. 430-431)

Mesmo enxergando através de um visor de fora, Raymond Sayers ressaltaria a excelência da escritura negra, elevando a prosa do “mulato”, Machado de Assis, à estatura dos grandes escritores internacionais. Começava, assim, ainda que de maneira um tanto anêmica, o processo de valorização do dizer literário do negro brasileiro, ainda pouco entendido, como se verificou no próprio reconhecimento tardio de Machado de Assis. Nesse sentido, Sayers antecipa-se a muitos estudiosos de nossa ficção: “Contudo, das fileiras dos mulatos urbanos haveriam de surgir muitos dos grandes artistas do país. Dentre esses, o mais importante foi Machado de Assis, o maior romancista do Brasil e figura literária de estatura internacional” (SAYERS, 1958, p. 433)

Em perspectiva similar, mas buscando sondar os autores que reafirmavam os preconceitos de classe e de raça em nosso corpus literário, Gregory Rabassa publica seu livro,

O negro na ficção brasileira: meio século de história literária, pela editora: Tempo Brasileiro, em 1965. Em seu livro, enfatiza que a obra de Lima Barreto – que o tempo não consegue corroer – explicita a consciência do autor acerca das diferenças raciais em nossa sociedade: “Pode-se ver pela rápida descrição dos traços de Clara que Lima Barreto era bastante cômico das distinções raciais” (RABASSA, 1965, p. 366).

De maneira mais aprofundada, David Brookshaw, atualmente tradutor das obras de Mia Couto, lança entre nós, *Raça & cor na literatura brasileira*, no ano de 1983. Em sua obra, traduzida por Marta Kirst, Brookshaw desvendaria os preconceitos raciais que inundam nossas páginas literárias. Assinala os períodos de criação e de consolidação dos estereótipos, que circundam e asfixiam a personagem negra, enquanto aponta para as armadilhas do preconceito, que lastreia a voz do escritor branco e de classe privilegiada.

Nesse caminho, ressaltaria a nova produção literária e musical negra, que se origina da firme vontade negra de se olhar e de se dizer por si só, elencando, no terreno da literatura, os nomes de Abdias do Nascimento, Oswald Camargo, Solano Trindade, Nei Lopes, entre outros, como exemplares da verbalização artística do desejo de afirmação de suas raízes identitárias e pelo direito, ainda que tardio, de integração social:

A integração social dos negros, de forma a que não percam sua identidade ou respeito próprio, e a formação de uma nação mestiça orgulhosa de suas raízes, são os interesses principais da literatura polêmica ou criativa [...] a fim de criar uma América integrada e mais igualitária, na qual todos os seus habitantes, sejam brancos ou negros, possam libertar-se dos falsos valores do branqueamento e alcançar a verdadeira harmonia que tantos brasileiros têm afirmado (BROOKSHAW, 1983, p. 244).

Entre os críticos literários brasileiros, empenhados no estudo das representações negras e que, de forma contundente, apontam as mazelas do preconceito, em nossas escritas, sejam elas críticas ou literárias, destacamos, na década de Oitenta, os escritos de Heloisa Toller Gomes. Responsável pelo Prefácio do livro *Olhos d'água* (2018), também de Conceição Evaristo, a autora enfatiza a necessidade dos estudos sobre a presença negra em nossa ficção:

Ignorar a presença do negro na literatura brasileira corresponde a deixar de lado um componente fundamental de nossa cultura e de nossa individualidade como povo. É preciso examinar-se como, no passado e no presente, as obras literárias brasileiras têm se expressado a respeito do negro – mesmo que seja para constatar, como é o caso do romantismo, que essa expressão está longe de ter força que seria de se esperar (GOMES, 1988, p. 108).

Nessa compreensão, Heloísa Toller Gomes lança seu livro, *O negro no romantismo brasileiro*, em 1988. Num novo olhar crítico, pouco comum à análise de obras da época,

Heloísa procura se afastar dos modos tradicionais de interpretação, como se vê em seus esclarecimentos, ou discursividade metacrítica, no qual evidencia que descartará o método analítico costumeiro, na apreensão das representações negras:

Foi essa a nossa intenção ao procurarmos, na leitura de obras do romantismo brasileiro, enfocar o personagem negro. Invertendo as posições de praxe, fizemos em nossa leitura com que o mundo branco cedesse o primeiro plano ao mundo negro, ou melhor: ao pouco desse mundo negro que ali se pode perceber. Pois verificamos que muitas vezes, mesmo quando poetas, romancistas e dramaturgos pensavam estar falando do negro, falavam especularmente de si próprios e de um negro imaginário, só existente em suas fantasias (GOMES, 1988, p. 107-108).

Anotando e interpretando as representações negras românticas, eivadas pelo branqueamento, originado do pensamento racial do século XIX, Heloísa Toller acresceria ao seu compêndio crítico, importantes autores abolicionistas negros, como Luiz Gama e José do Patrocínio. Nesse viés interpretativo, procede a uma revisão de Castro Alves apontando a capacidade do poeta em se esquivar do eurocentrismo, em vários de seus textos:

Vemos um alcance social maior na poesia de Castro Alves. Seu texto foi por vezes capaz de transcender a ideologia centrada na excelência e na superioridade da civilização cristã ocidental – ideologia essa imperativa na época [...] Desprende-se dos poemas abolicionistas de Castro Alves uma convicção indignada da causa dos escravos que vai além de mera atitude paternalistas e piedosa (GOMES, 1988, p. 68).

Um ano depois, Heloísa estende seus estudos à literatura produzida pelos descendentes de senhores de escravos, no Brasil e nos Estados Unidos. Defende sua Tese de Doutorado (1989), na qual procedera a uma leitura comparativa entre *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego (1901-1957), e *Absalom, Absalom!* (1936), de William Faulkner (1897-1962).

De sua Tese resultaria a obra, *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista*, no Brasil e nos Estados Unidos, publicada em 1994, com o objetivo de “recompôr a imagem e a autoimagem sociais do negro conforme delineadas, no Brasil e nos Estados Unidos oitocentistas, por significativa mostra dos discursos religioso, político e literário” (GOMES, 1994, p. 189).

No campo dos estudos da dramaturgia, também escrita nos anos de 1980, se sobressai a obra de Flora Süssekind, *O negro como Arlequim: teatro & discriminação*, editada em 1982. Em seu estudo, Süssekind apontaria para a escassez de personagens negras em nosso teatro, ao silêncio que lhes é imposto, a sua quase invisibilidade negra e, sobremaneira, os artifícios empregados pelas companhias de teatro, para evitar que alguma negra, ou negro desempenhasse algum papel de estatura no palco:

Quando se observa a literatura dramática brasileira, chama a atenção o número restrito de personagens negros cuja atuação não se limite a um eterno abrir e fechar portas, entrar e sair de cena, ou a obedientes cumprimentos de ordens. Quase sempre suas falas oscilam apenas do “Sim Senhor” a um gentil “Pois não”. E quando os personagens negros se revestem de importância maior na trama, são muitos os exemplos no teatro brasileiro, de companhias que recorreram a atores brancos pintados de negro, normalmente sob a alegação de falta de atores negros (SÜSSEKIND, 1982, p. 15).

No terreno específico da produção artística negra, os três últimos decênios do século XX são de acontecimentos importantes e benfazejos. Surgem os primeiros *Cadernos negros*, em 1978. Apoiados por esse meio de divulgação de seus escritos, os poetas e prosadores afro-brasileiros iniciam, de maneira sistemática e com qualidade estética inquestionável, uma importante produção literária, que se tornaria num marco histórico, em nossa discursividade ficcional.

As duas primeiras publicações dos *Cadernos negros* logo se esgotaram. Além do mais, a sua produção e circulação haviam ficado restritas aos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, não contemplando, porquanto, artistas de outras regiões. Desses fatos, derivou a necessidade de publicação da *Antologia da poesia negra brasileira*, conforme esclarece Paulo Colina, coordenador e apresentador da obra, editada pela Global, em 1982:

Não sei quais foram as razões que levam a **GLOBAL** a me honrar com a coordenação deste trabalho. O que importa é que o leitor conhecerá aqui, talvez, não os melhores trabalhos, ou os mais importantes, mas alguns dos poetas negros atuais de quilate, que brigam constantemente com a palavra no afiador. Assim como já foram publicados, pelos próprios autores, duas antologias (*Cadernos negros*) e se esgotaram antes que chegassem a todos os olhos de leitura há, logicamente, fora do grande eixo São Paulo-Rio (como poderão constatar aqui) escritores negros espalhados e ilhados em outros Estados deste continente que chamamos Brasil (COLINA, 1982, p. 7-8 – grifos do autor).

Em 1987, Oswaldo Camargo publica o livro, *O negro escrito*: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira. Nela, vemos a tematização acerca da necessária perspectiva do *descentramento*, isto é, deslocar do seu lugar de centro a discursividade branca e colonialista, alocando-a no lugar periférico, então reservado à expressão negra.

Essa perspectiva de análise foi, inicialmente, formulada por Jacques Derrida, em seu livro, *A escritura e a diferença*, publicado em Paris, no ano de 1967. A obra só seria traduzida em nosso país, no ano de 2005. Como quer que seja, ela é a responsável pela divulgação da categoria do *descentramento*, fórmula a qual recorrera Heloísa Toller Gomes em seu trabalho crítico.

Na verdade, o recurso interpretativo do *descentramento* discursivo se impõe quando da criação da Antropologia, mais especificamente, da Etnologia, ciência, inicialmente, voltada aos estudos dos povos primitivos ou das gentes massacradas pela conquista europeia. Um Outro, como o negro, os aborígenes americanos não podiam ser captados, em suas realidades, pelos binóculos distorcidos eurocêtricos. Além do mais, a utilização desses visores inviabilizava, de fato, a própria Etnologia como ciência, como assevera Jacques Derrida:

Podemos com efeito, considerar que a Etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que se operou um descentramento: no momento em que a cultura europeia – e por consequência da história da Metafísica e dos seus conceitos – foi *deslocada, expulsa* do seu lugar deixando então de ser considerada como a cultura de referência. Este momento não é apenas e principalmente um momento do discurso filosófico ou científico, é também um momento político, econômico, técnico, etc. (DERRIDA, 2005, p. 234-235).

A inadequação do discurso ocidental para a descrição do personagem negro seria, insistentemente, ressaltada por Paulo Colina, prefaciador de *O negro escrito*. Colina não consegue reconhecer a sua voz, nem tampouco a si mesmo, na leitura das obras literárias brasileiras, nas quais transitam, através das vozes brancas, a *persona* negra. Nessa arguta insistência, Colina tematiza as recentes tendências críticas que elegem o *lugar de fala*, como categoria importante para a feitura/leitura de obras escritas sobre o Outro.

E fiquei imaginando como um negro escreveria aquele romance. Pois a voz de Coelho Neto não era a minha voz; Bernardo Guimarães não sabia das minhas noites, do meu fogo, do meu café, da minha fala. Onde andava, então, **o negro escrito**, o escritor negro? Mudo. Os brancos davam o tom, a cor e a fala ao negro [...] É tudo uma questão de voz [...] Questão de voz. Ou tonalidade de discurso (COLINA, 1987, p. 11-12 – grifo do autor).

Nesse *descentramento*, ou nessa inversão, em que o mundo branco decai de seu lugar de centro, Conceição Evaristo caminha, arquiteta e tece suas escrituras buscando trazer em suas obras a voz do personagem negro de uma forma mais coerente com a sua identidade, deixando com que seus personagens possam assumir o seu verdadeiro discurso.

No Rio de Janeiro, na década de 1990, inicia sua carreira literária escrevendo nos *Cadernos negros* que propiciam à Conceição Evaristo o iniciar de sua carreira como escritora negra. De lá para cá, a autora escreveu sete obras: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) e *Canção para ninar menino grande* (2018).

Os personagens apresentados por Evaristo são os cidadãos invisíveis de nosso cotidiano: o trabalhador, o negro, o favelado, o traficante, que muitas vezes não são reconhecidos como personagens relevantes para uma produção literária, recebem da autora um toque poético e humano.

Suas protagonistas também são livres dos estereótipos direcionados a personagens negras, são corpos de mulheres negras livres de sua erotização e dos limites da casa-grande. As mulheres negras apresentadas por Conceição são fortes, donas de suas escolhas, capazes de se refazerem após superarem o que seria o seu calvário.

Relacionado a forma como os corpos negros são representados nas nossas letras de maneira depreciativa, a autora se posiciona a respeito desta desonra na introdução da antologia *Questão de Pele* e relata de forma direta e renitente a maneira desprezível como a literatura brasileira ainda sugere a desleal construção do personagem negro.

[...] A visão do corpo negro como “coisa” desprovida de qualquer subjetividade deixou as suas reminiscências na literatura brasileira. Encontramos ainda textos em que metaforicamente o negro surge aprisionado por um olhar que insiste em considerá-lo como o estranho, o diferente, o Outro. O corpo negro aparece como um simples *objeto* a ser descrito. (EVARISTO, 2009 p.23)

Quando Conceição Evaristo busca representar os que vivem à margem, em particular quando se trata de mulheres negras, de uma forma mais realista, visando desnudar em suas obras a representatividade do outro, ela afirma que não é apenas de exclusividade de algum local falar sobre ele, mas de que certas experiências apenas podem ser vividas por quem compartilhou dessa realidade. Mesmo não esquecendo, da sujeição de classe, a autora não se arroga à detentora do discurso como relata em sua entrevista:

Não é que o homem não possa escrever sobre a mulher. Pode. Não é que o branco não possa escrever sobre o negro. Pode.

Mas quando esse discurso falado ou escrito carrega a nossa subjetividade, justamente porque ele nasce num lugar social, num lugar de gênero, num lugar racial diferente, ele traz determinadas peculiaridades que aquele que escreve de fora, por mais que seja competente do ponto de vista intelectual ou emocional, não vai trazer. Ele não traz uma carga de quem escreve de dentro.

Aqui não tem nenhum juízo de valor, de querer dizer qual texto é mais bonito. Não é isso não. Mas trata-se de apontar esse local diferente onde esse discurso nasce e é desenvolvido." (EVARISTO, 2018)

Analizando por esta ótica, se faz cada vez mais importante a valorização da fala de autores que assim como Conceição, trazem para a Literatura uma representatividade que

sempre foi extinta, apresentam em seus escritos a importância de um olhar a oportunidade de se conhecer os discurso em seu movimento tradicional de forma inversa: de dentro para fora.

3. As mulheres de Conceição Evaristo

Eu-Mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
Conceição Evaristo

O conto é uma narrativa breve que envolve o leitor em suas palavras. Assim poderíamos descrever de forma abreviada o que apresenta esse gênero literário. A respeito da origem dessa maneira de narrar, Djalma Cavalcante em seu ensaio *Os primeiros contos que Machado contou* que faz parte da coletânea *Contos completos de Machado de Assis*, organizada pelo mesmo, apresenta como se deu o surgimento dos primeiros contos.

O conto é expressão mais antiga da literatura de ficção e também a mais generalizada: o conto já existia e existe ainda entre povos que desconhecem a linguagem escrita[...] Os contadores de história aos pés da fogueira ou nas reuniões sociais das comunidades primitivas são os criadores do conto popular, e ao longo do século evoluiu das formas mais simples breves e elementares para as mais sofisticadas, longas e complexas. (CAVALCANTE, 2003, p.14)

Utilizando dessa narrativa, que faz parte do cotidiano de vários povos, assim como a tradição da contação das histórias, Conceição Evaristo traz em suas narrativas além do protagonismo das mulheres negras, uma inovação para o conto, ela utiliza o gênero jornalístico *entrevista* para a criação e continuidade de suas narrativas.

Outro fato que também merece relevância é fato dessas entrevistas não seguirem um roteiro, as entrevistas escolhem os temas a serem falados e gozam de total liberdade para expressar, a autora/entrevistadora assume apenas o papel de ouvinte. No livro *Usos da Linguagem: Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita* (1985) Francis Vanoye, dialoga a respeito da abordagem e dos tipos de entrevistas em seu livro.

Há dois tipos de entrevista. O primeiro deles caracteriza-se pela especificidade de cada um dos interlocutores: um coloca as *perguntas*, o outro fornece respostas [...] Entrevista não dirigida: caracteriza-se pela atenção silenciosa do entrevistador; este, após apresentação dos objetivos, deixa os participantes exprimir-se sem intervir, confiando a ele, dessa maneira, o cuidado de descobrir sozinho, os diferentes aspectos do problema e as eventuais soluções (VANOYE, 1985 p. 163-165)

Buscando captar novos enredos em suas entrevistas, a autora soma subjetividade e criação para compor os contos de sua obra. Uma criação de uma nova história, sem nenhuma discrição quanto a isso, criar novas possibilidades é parte essencial para o nascimento de uma nova narrativa. Nádia Battella expõe em seu livro *Teoria do conto* a respeito da liberdade de criação dos autores em suas escritas.

O conto, no entanto não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; uma conto, inventa-se afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há *verdade* ou *falsidade*: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de representar algo. (GOTLIB, 1985 p. 12)

. Utilizando essa pluralidade de informações, Conceição direciona a criação de *insubmissas lágrimas de mulheres*, a relação de gênero, racismo, a marginalidade resultando no protagonismo negro e feminino que encontramos na obra, abordando perfis de mulheres negras para protagonizar o *brutalismo poético* de Conceição nas páginas deste livro.

A obra é composta por treze contos, que nos apresentam lutas diárias vividas por mulheres que enfrentam a violência de suas várias formas: física, psicológica ou social, que a nossa ignorância ou a falta de empatia não nos permite enxergar tal sofrimento em que várias de nossas semelhantes estão envolvidas. O contexto social que essas mulheres são submetidas sempre impõem obstáculos em suas lutas por seus futuros, como se as mesmas continuassem com suas vidas acorrentadas, presas nas casas-grandes.

As protagonistas superam os mais diversos campos, não aceitando o que já estava destinado para suas vidas. Elas mudaram o rumo de suas trajetórias relatadas de forma breve,

porém sem retirar a violência vivida nos cenários descritos, envolvendo o leitor e a narradora em misto de sensações.

A característica principal desses contos é o protagonismo apresentado de diversas maneiras por suas entrevistadas, nos momentos em que se exigiu delas uma resposta, todas se encontram munidas de uma força superior, restrita as mulheres, que se entregaram as suas batalhas pessoais culminando em superações ímpares. Mulheres que, trazem em seus corpos e suas almas cicatrizes dos julgamentos por escolherem suas vidas livres.

Estas mulheres representadas nos contos estão vivas e fazem a diferença na nossa história com o dia-a-dia de luta e de superação que passam despercebidas por se tratarem de mulheres que vivem a margem da sociedade personagens que são mais fáceis de serem silenciadas por conta do anonimato que rodeia as suas subsistências. Em seguida iremos falar a respeito das personagens que percorrem sob a ótica da autora escolhidas para este estudo.

Maria do rosário Imaculada dos santos

O relato da memória de uma mulher que ainda menina é retirada de sua pequena cidade e sofre com essa nova realidade que lhe foi imposta. O conto apresenta em sua composição características da diáspora vivida pelos povos africanos e que ainda, de certa forma, acontece em nossa sociedade quando se é imposto culturas que não representam a diversidade do nosso povo.

A protagonista faz revelações de sua vida simples e de sua família, logo no início do conto. Podemos observar a criação de um cenário para o desenvolvimento da narrativa, onde a entrevistada relata os detalhes o seu lugar de origem.

- Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo, mas tenho na memória a nitidez da cena. Minha mãe, eu e mais dois irmãos, um pouco maiores, estávamos sentados do lado de fora da casa em que morávamos. Era uma construção pequena, mas abrigava muitos. (P.44)

O conto nos traz a retomada dos povos africanos quando foram arrancados do seu local de origem para outros lugares. A dor e o medo narrados por Maria do Rosário apresentam ao leitor como as pessoas que são arrancadas de suas raízes temem por não entender o que podem encontrar em seus futuros.

[...] E foi preciso que que passassem muitos dias e muitas noites de viagem, nas estradas para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais. E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo, o que, muitas vezes,

escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava. (p.46)

As tentativas de fuga frustradas que todos os negros passaram na época da escravidão. A busca por um local onde tivesse alguma identidade. O silêncio que é imposto aos afro-brasileiros em nossa sociedade, censura as suas origens.

[...] Um dia, resolvi buscar o caminho de volta, peguei a estrada, ou melhor, uma das estradas que dava para a casa deles. Caminhei muito até cair extenuada de cansaço e fome. Devo ter desmaiado, pois, quando acordei estava no quartinho onde dormia [...] Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. (p.46-47)

A distância do seu lugar de origem que são submetidos faz com essa identidade se perca pelo tempo. A importância que esta protagonista apresenta a respeito do apagamento da cultura de outros povos em nossa sociedade ocultando a verdadeira história sobre a criação de nosso povo.

Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, como o passar do tempo, com desespero eu via minha gente com um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tronou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades... (p.47-48)

O tempo que se perde servindo aos patrões, aos donos, quanto tempo pode durar o cárcere. A dor dos que não recebem nenhum tipo de respeito por parte dos privilegiados e que são tratados como objetos ou apenas visto como mão de obra necessária para garantir suas vidas confortáveis.

[...] Eu sabia que, ali eu já tinha feito sete aniversários, longe dos meus. E para mim não se tratava da minha chegada à casa deles e sim da minha impotência diante deles, que haviam me tomado, ou melhor, me roubado de meus pais. (p.49)

O medo de criar laços, de uma nova separação dolorosa, de deixar descendentes sem uma certeza do futuro torna essas pessoas completamente frias quanto essa questão. A decisão de não sofrer por conta de mais um afastamento torna faz dessa protagonista a dona de sua vida, de suas decisões.

Namorei, casei, descasei, algumas vezes. Filhos, nunca tive, evitei e, as vezes que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria família, tinha medo de perder os meus. Muitas águas rolaram e, de muitas, nem a misteriosa nascente eu conhecia. (p.51)

A luta contínua por sobrevivência de onde se retira forças para buscar a construção de nova história, a necessidade de se ressignificar. A entrevistada se descreve como dona de sua história, cabe apenas a ela decidir seu destino, mesmo diante de todas as dificuldades, ela continuava em busca do seu objetivo.

[...] E, apesar de sentir, o tempo todo, me movendo sobre um rio de desconhecidas e perigosas águas, continuei nadando, para continuar vivendo. De vez em quando me mudava de cidade também. A minha escolha por nova moradia obedecia a um roteiro previamente escolhido. Sempre a procura estava direcionada para as bandas da minha terra natal. Aos poucos ia cumprindo um percurso que me encaminhava à direção de volta. [...] (p.52)

O encontro com as suas origens, com os seus, suas histórias de resistência de sofrimentos que se entrelaçam com as histórias dos outros que permaneceram em seus lugares de origem marcam o fim desse conto.

Isaltina Campo Belo

Uma das personagens mais relevantes da obra, a entrevistada de Conceição Evaristo traça uma história por diversos campos de violência e preconceito. Uma personagem que nas primeiras características já chamam atenção da narradora/entrevistadora por conta de sua aparência misteriosa.

Campo Belo como gostava de ser chamada, entre outros detalhes, tinha uma idade indefinida, a meu ver. Se os cabelos curtos, à moda *black-power*, estavam profundamente marcados por chumaços brancos, denunciando que a sua juventude já tinha ficado há um bom tempo para trás, seu rosto negro, sem qualquer vestígio de rugas, brincava de ser o de uma mulher que no máximo teria os quarenta anos. Entretanto, Isaltina tinha uma filha de 35 anos. [...] (p.56)

O relato da entrevistada inicia com a descrição de seu lugar de origem, dos seus pais, seus irmãos e da sua família. Essa personagem apresenta em descrição uma família negra, onde os seus pais já conseguiram sair do local comum destinado aos negros já assumiam profissões dominada por brancos.

Desde menina- Assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos – eu me sentia diferente. Nascida após um menino e uma menina, tive uma infância sem muitas dificuldades. Meu pai trabalhava como pequeno funcionário da prefeitura e minha mãe como enfermeira do grande hospital público da cidade. [...] (p.56-57)

Isaltina reforça o reconhecimento e o orgulho a respeito dos seus antepassados. O reconhecimento da luta e de toda a trajetória que antecede essa conquista nos campos de

atuação de seus pais e a necessidade de repassar a verdadeira história de seu povo aos outros marcam essa passagem na narrativa.

[...] Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria. Histórias que eu, meu irmão e minha irmã ouvíamos e repetíamos com altivez, sempre que podíamos, na escola. Meu pai, também nascido e ali criado, tinha histórias mais dolorosas de seus antepassados. Entretanto, seus pais, meus avós, à custa de muito trabalho em terras de fazendeiros, em um dado momento, conseguiram comprar alguns alqueires de terra e iniciaram uma lavoura própria. [...] (p.57)

Mas no meio de todas as suas certezas, do seu reconhecimento a respeito de suas origens, mas uma inquietação a fazia de refém. A dificuldade encontrada pela personagem de representar como era sentida a sua verdadeira.

[...] Tive uma infância feliz só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino. [...] (p.57-58)

A busca pelo reconhecimento de sua realidade por parte dos que a rodeiam é algo que a machuca de forma cruel. Principalmente por não sentir esse reconhecimento por sua mãe. O caminho até o reconhecimento de como verdadeiramente a entrevistada se entende é uma característica que marca a sua narrativa.

Até eu completar dez anos, mais ou menos, cresci alternando um sentimento de ódio e de amor por minha mãe. A todos eu perdoava o desconhecimento que tinham ao meu respeito, menos à minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse que eu era. Por que ela agia daquela forma comigo? [...] (p.59)

O conhecimento e domínio do seu corpo como mulher, mas um sentimento confuso a respeito dos seus desejos. A forma árdua como mulher pode sentir prazeres, conhecer e dominar o seu corpo, mas não pode externar o que de fato lhe faz nutrir desejos.

[...] Eu vi o meu corpo menina e muitas vezes, gostava de contemplar. O que me confundia era o carinho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei por crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos, em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. [...] (p.62)

A cobrança e o julgamento da família, pela heteronormatividade como única referência para os relacionamentos. O preconceito velado que circunda a nossa sociedade e se faz muito latente em todos os meios sociais.

Tinha eu meu vinte e dois anos sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer. Nem, platônica. [...] E as justificativas sobre essa descrença eram sempre as mesmas. Como uma jovem tão inteligente, tão bonita, tão educada, tão e tão como eu, podia estar sozinha...

inexplicável. Enquanto isso, meu irmão e minha irmã cada vez mais se afirmavam no campo amoroso, sob a aprovação ou desaprovação, não só dos meus pais, mas de vários membros da família. [...] (p.62)

A busca por identidade longe dos padrões e das cobranças. A fuga do meio onde os “padrões” ditam suas normas, que se faz necessária para se encontrar como sujeito, entender e assumir a sua personalidade e suas escolhas.

[...] Sem nada para contar, pois nada eu tinha vivido nesse terreno, estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher, resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse. [...] (p.63)

O peso da culpa referente aos sentimentos leva a protagonista a buscar uma tentativa frustrada de se encaixar aos padrões de relacionamento aceitos pela sociedade. A falsa normatividade, para uma correção desses desejos errados.

Eu era eu, uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. Tudo desconhecido, nada experimentado no campo amoroso. Uma fuga que me garantia certa segurança, já que eu não me expunha a ninguém, até que um dia um colega da faculdade disse estar encantado por. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos de gestos. Ele de uma elegância e de um cuidado tal, que ganhou a minha confiança [...]. (p.63)

A erotização do corpo negro feminino e o machismo como regra ou um manual a ser seguido para justificar a masculinidade frágil. A entrevistada relata em sua narrativa como esse comportamento coloca as mulheres em situação de impotência, como se o erro fosse sempre da mulher em não corresponder aos desejos de certos homens.

[...] Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre sexo entre um homem e uma mulher acabaria, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era mulher negra, uma mulher negra... Eu não sabia o que responder para ele. Em mim, eu achava a resposta, mas só para mim. [...] (p.64)

Esse momento narrado pela entrevistada apresenta o ápice de suas dores. Campo Belo passa pelo pior de todos os seus suplícios. A invasão de seu corpo de forma cruel, como forma de punição por não nutrir desejos por um corpo masculino é uma comprovação de sua impotência diante do preconceito enfrentado por ela.

[...] Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo. Diziam entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento [...]. (p.64)

Campo Belo descobre que uma nova vida está sendo gerada em seu corpo em meio a esse turbilhão de emoções. A entrevistada ainda atormentada pelas as mais humilhantes lembranças do momento vivido e trazia em seu ventre o fruto daquele momento que jamais saiu de sua memória.

[...] Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. Nem a falta do sangramento mensal, a modificação do meu corpo e muito menos a movimentação do bebê... Walquíria se fez sozinha em mim. [...] (p.65)

A nova oportunidade, uma nova maneira de encontrar alguém que de alguma maneira parecia entender as dúvidas que Campo Belo carregava durante toda a sua vida. As indagações que foram suas companheiras durante toda a vida começavam a se responder através de olhar.

Na primeira reunião do jardim de infância, em que matriculei Walquíria, naquele momento, apreendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim apareceu crescido. Voltei à minha infância, imagens embaralhadas se interpunham entre mim e a moça. [...] (p.66)

O reconhecimento do que se é, sem culpa, sem censura. A certeza de um sentimento correspondido, sem se preocupar com julgamento ou as normas impostas por pessoas que nunca conseguiriam entender a grandeza de um sentimento legítimo, de um amor sem regras, sem padrões.

[...] Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, iguala todas e diferentes de todas que ali estavam [...]. (p.67)

O verdadeiro amor encontrado, uma oportunidade de constituir a sua própria história. A descoberta de um novo conceito de família.

[...] Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve [...] Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu. (p.67)

Lia Gabriel

O início breve do conto já nos indica que a personagem traz em sua fala as diversas dores apresentadas por outras mulheres que passam pelas páginas da obra estudada, onde os momentos de violência serviram para reconhecerem as verdadeiras fortalezas que são.

[...] Outras deusas mulheres, mulheres, salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Lúbia, Shirley, Isaltina, Da Luz, e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo. (p.95)

A entrevistada começa o seu relato falando do dia que recebe a notícia a respeito de um grave problema ao qual seu filho foi acometido. Nesse primeiro momento podemos entender a ligação do nome da entrevista com o do seu filho, podemos começar a observar a quem a entrevistada pertencia.

Tamanha foi a dor, quando o pediatra me disse, antes de qualquer exame detalhado, que o mais novo dos meus três filhos, com quatro anos apenas, poderia não estar fazendo só birras, mas caminhando para um estado de surto. Sem qualquer rodeio, fui informada pelo médico que Máximo Gabriel provavelmente era esquizofrênico. [...] (p.95-96)

Exercer todo esse cuidado sem ajuda de alguém ou do pai, que em primeiro momento a entrevistada relata que o mesmo se foi por conta de uma briga e não dá detalhes do ocorrido, mesmo assim demonstra uma inquietação referente a essa ausência de seu antigo companheiro para ajudar nos cuidados da criança.

- Do pai, com certeza, você está me perguntando sem perguntar. – Nesse momento de nossa conversa, Lia Gabriel se levantou, foi até a janela e lá ficou por uns instantes. – Naquele tempo – continuou ela – o pai já tinha ido embora, havia quase dois anos. Saíra de casa, depois de uma briga, em que, para me proteger, peguei as crianças e fui para a casa de minha mãe, cuidar de nossas feridas do corpo e da alma. [...] (p.97-98)

Retomada para uma nova vida, a luta por uma continuidade de assistências. Lia Gabriel decide tomar novos rumos em sua vida para garantir o sustento de todos, sem que fosse preciso abrir mão dos cuidados necessários para o acompanhamento de seu filho caçula.

[...] E foi nessa ocasião que tomei, sozinha a diretriz de minha vida. Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs, como professora de matemática, e passei a dar aulas particulares em casa. De dia, tinha uma clientela, crianças e jovens. De noite, adultos que estavam se preparando para algum concurso. [...] (p.98)

O reconhecimento que a mudança era necessária para a melhoria de todos. O instinto materno da entrevistada faz com que a sua busca por novas maneiras de sustentar a família alcance outros campos de atuação profissional.

[...] Nas horas vagas, isto é, na solidão da madrugada, comecei a fazer pequenos concertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade [...] Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. Fiz por mim e pelas crianças. [...] (p.99)

O relato do ato que culminou na saída do pai do convívio com a família. Agora a entrevistada consegue falar com mais detalhes a respeito do ocorrido, a riqueza desta narrativa consegue colocar o leitor na cena, sentindo a angústia que aquele relato apresenta.

[...] Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou a minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. [...] (p.101)

A agressão chega ao seu ápice e as dores do corpo e da alma da entrevistada são capazes de causar no leitor uma inquietação como se essas as dores chegassem próximo de serem sentidas através da leitura. A narrativa pausada a cada dor apresentada por Lia traz para o leitor a sensação de sentir cada dor e cada medo vivido na cena narrada.

[...] Em seguida, ele me jogou no quatinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emiti um só grito, não podia assustar as crianças, que já estavam apavoradas, o que mais doía era o choro desamparado delas. Depois ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou então a nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel nos braços. E quando um as chicotadas pegou no menino, eu só tive tempo de envergar sobre o meu filho e oferecer as minhas costas e minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. [...] (p.102)

A busca de refúgio junto aos seus familiares no momento de desespero vivido por todos e em busca de amparo para aquelas dores, mas o cuidado vem junto com um conselho que pode resultar em mais sofrimento para todos, pois o dever de manter a família poderia trazer mais dores a todos.

[...] Criei coragem, limpei o sangue que ainda me escorria dos braços, sentindo a ardência dos lanhos das costas e por todo o corpo, juntei rapidamente umas poucas roupas minhas e das crianças e busquei a casa de minha mãe. Fui recebida por ela com carinho e com conselhos. Eu poderia ficar por uns dias, mas certo seria eu voltar e conversar com o meu marido, para chegarmos a um entendimento; era preciso pensar nas crianças [...]. (p.102-103)

O motivo de mais dor e culpa por todo o sofrimento do filho, pois é revelada a causa que resultou na sua enfermidade. A entrevistada se responsabiliza pela má escolha do pai de seus filhos, como se esforço para proteger o seu filho da dor tenha sido inválido. Mesmo

diante desta triste constatação e entrevistada demonstra ainda ter força e a esperança visando mais uma superação para suas vidas.

[...] Ela escutara Máximo, em um dia de crises, entre socos e pontapés contra o monstro que o perseguia, dizer que queria matar o pai. A fala da médica me trouxe um misto de sentimentos. Culpa, vergonha, remorsos por ter escolhido tal homem para ser pai dos meus filhos. Também esperanças de que Máximo Gabriel possa vencer a imagem do monstro, que se desenhava na mente dele a quando ele tinha apenas dois anos. (p.103)

Como podemos observar nos contos analisados nesse estudo, existem fatores que nos fazem parar para refletir a respeito da produção feminina negra na Literatura atual. Confirmamos a sua grande contribuição, na nossa construção social reconhecendo o quanto essas vozes foram e são sufocadas por uma hegemonia branca que compõem o cânone literário brasileiro.

Essas vozes de mulheres negras nos permite uma nova leitura, resultando em uma ressignificação em nosso cotidiano onde verificamos sob uma nova ótica as questões sociais de gênero e etnia apresentada de forma idealista por Conceição Evaristo.

O protagonismo feminino nos contos começa com a batalha travada por essas mulheres em busca do seu espaço e do reconhecimento de suas existências. Essas mulheres que se recusam a se curvar ou permanecerem na posição de objeto, onde o direito de escolha sobre os seus próprios destinos é restrita aos homens.

Outra característica comum às protagonistas é o significado de seus nomes. Maria do Rosário Imaculada dos santos, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel recebem seus nomes de acordo com a narrativa de suas entrevistas, uma forma poética utilizada pela autora para representar suas superações. Podemos observar também, essa relação de significado com o título da obra: *Insubmissas lágrimas de Mulheres*.

As vidas das entrevistadas são apresentadas de acordo com que elas decidem relatar, cada uma com sua superação, diferentes histórias, mas suas vidas fazem parte do tecer de uma mesma origem: o corpo negro mulher.

Suas experiências de superação, transcendem as páginas fazendo com que o leitor não consiga distinguir a criação da realidade, e no momento em que ele se encontra na leitura instigante dessas protagonistas, consiga enxergar aquelas mulheres em seu meio, contribuindo para a continuação da recriação da nossa história.

A valorização da mulher negra, nesta obra, tem por objetivo desvencilhar da afetividade falsa apresentada pelos brancos quando aprisionam essas mulheres aos papéis de babá, empregadas, as mães pretas. Na escrita sob a ótica da autora estudada, essas mulheres

assumem o seu lugar de sujeito e trazem em seus discursos relatos do mal que essa mentirosa boa convivência causa em suas existências (resistências), sendo esse motivo o gerador de sua força para combater esse preconceito velado nessas dolosas relações de afeto.

Trazer para o leitor as narrativas que essas insubmissas mulheres trazem em suas vidas, falar do negro na literatura é um ato de rebeldia. Em nossa literatura o negro pouco foi visto como merecedor de uma narrativa onde o mesmo fosse o personagem central, mostrando a sua importância, sua contribuição na construção da nossa história.

5. Considerações finais

Com o respectivo estudo buscamos difundir os estudos a respeito da obra, *insubmissas lágrimas de mulheres* de Conceição Evaristo, relacionado ao protagonismo negro feminino na atual literatura brasileira.

Para esta análise foram escolhidas as personagens Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel, visando analisar as características que tornam essas mulheres protagonistas e insubmissas aos seus destinos.

As protagonistas negras femininas trazem como forte característica em seus enredos a insubordinação a tudo que seja direcionado às limitações, de um corpo negro, que foram impostas anteriormente de forma cruel, as vidas negras em qualquer situação têm um prazo curto. Por este motivo, a escolha do gênero conto, estas personagens precisam correr contra um curto prazo para marcar a sua passagem pela obra de uma maneira onde a sua importância, a sua contribuição possam ser observadas e reconhecidas.

A verossimilhança apresentada na obra traz ao leitor uma sensação de familiaridade com as personagens, a cada mulher apresentada, nas entrevistas o leitor vai criando a sensação que todas essas mulheres já passaram em sua vida, mas por algum motivo não foram notadas. O anonimato dessas mulheres faz com que suas lutas sejam julgadas menos importantes.

Compreender a existência dessas mulheres dentro da obra, observar a relevância de suas superações é essencial para uma melhor compreensão dos perfis que compõem a obra. A revelia escritoras que como Conceição Evaristo vem atravessando a linha do tempo, trazendo pequenas conquistas com suas produções repletas de reflexão social que precisam se fazer ouvir.

Nosso estudo visa contribuir para expansão do debate a respeito do protagonismo negro feminino na literatura brasileira atual, considerando todo o histórico de lutas para essa ainda pequena conquista de espaço.

6. Referências

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30ª ed., São Paulo: Ática, 1997.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ática, 1998.
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Tradução Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito: Apontamentos sobre a presença do negro na Literatura*. 1987.
- CAVALCANTE, Djalma Moraes (Org.). Os Primeiros contos que Machado contou. In: ----- *Contos Completos de Machado de Assis*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.
- COLINA, Paulo (Org.) *Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira*. São Paulo, 1982
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- DERRIDA, Jaques. *A escrita da diferença*: Tradução: Maria Beatriz Marques Niza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 4ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Dos risos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Org.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres* -2.ed – Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 2ed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vivência*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz. (Org.). *Questão de pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: UFRJ /EDUERJ, 1994.
- GOMES, Heloisa Toller. *O negro no Romantismo brasileiro*. São Paulo: Atual. 1988.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

GUIMARÃES, Bernardo. A escrava Isaura. São Paulo: Ática, 1985.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 6ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento Justificado, 2017.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas: Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *O Negro como Arlequim: Teatro & Discriminação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita: Tradução e adaptação Clarisse Madureira Saboia - 5ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 1985.*

WISNIK, José Miguel. *Poemas Escolhidos Gregório de Matos*. São Paulo: Cultrix, 1991.

EVARISTO, Conceição.

CARNEIRO, Julia Dias. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de março 2018. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948?fbclid=IwAR29RLrSkolG0_vAe8OdaaY-kjWzlBXLNY5ltqH3SGtUi6kV3y3cof2ItJY>. Acesso em 20/04/2019.